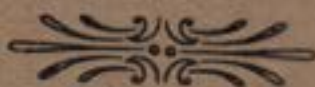
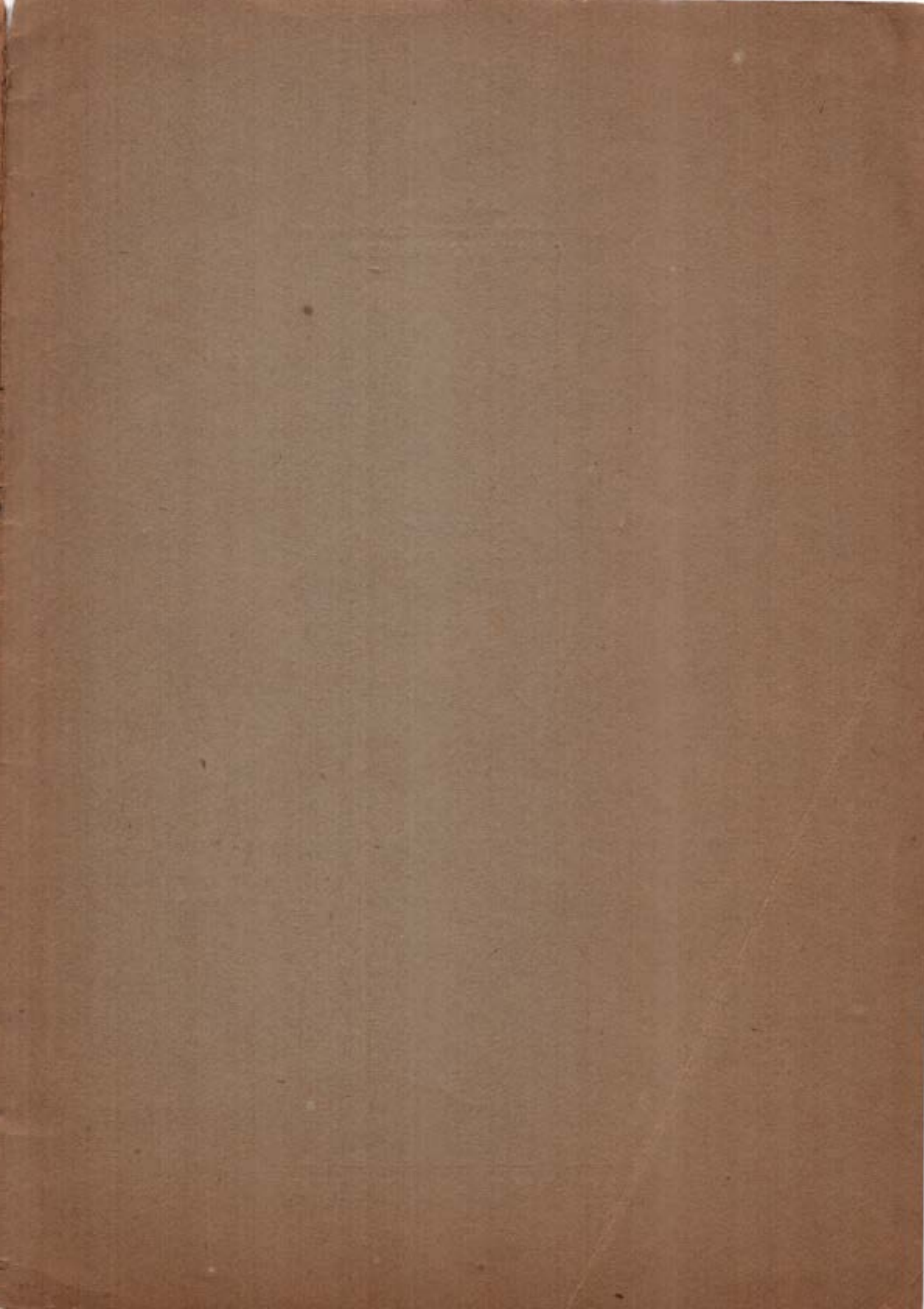


ALFREDO GALVÃO

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE ARTE



RIO DE JANEIRO
Off. Grapha, O GLOBO — Pr. João Pessoa, 13-Rio.
- 1938 -

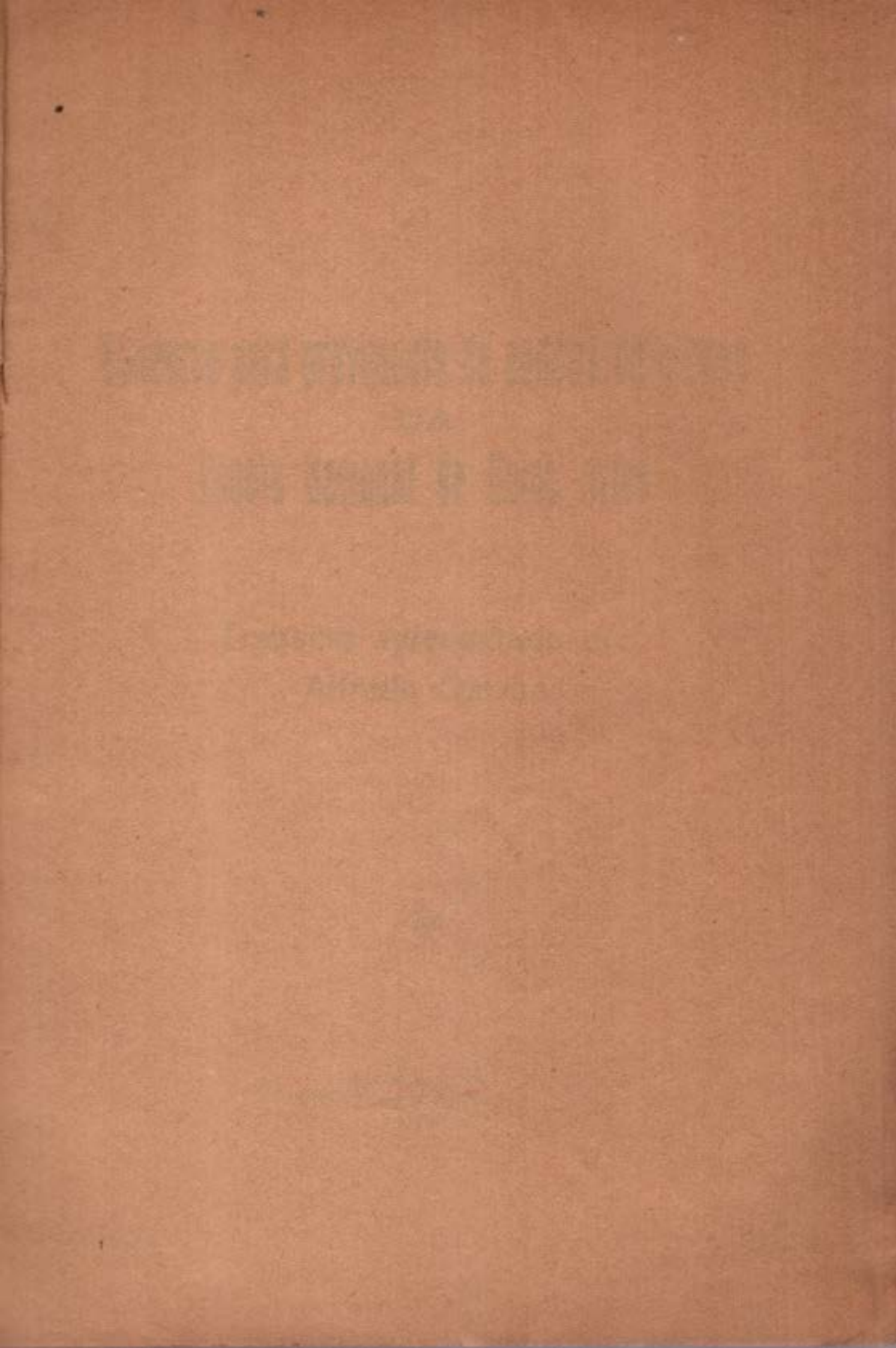


*1.º Mello Junior
e Juncos Cordalimentos
a Candidatos*

*Ref. Juncos
1-8-947*

TÉSE

apresentada por ocasião do concurso para
provimento da Cadeira de Pintura da Escola
Nacional de Belas Artes.



THE NATIONAL ARCHIVES
COLLECTION OF DOCUMENTS
RELATIVE TO THE
AMERICAN REVOLUTION
1775-1783

**Concurso para provimento da cadeira de pintura
DA
Escola Nacional de Belas Artes**

**Trabalho apresentado por
Alfredo Galvão**



RIO DE JANEIRO
Off. Graphs. O GLOBO — Pr. João Pessoa, 13-Rio.
— 1938 —

Concurso para provimento de cargos de pintura

DA

Escola Nacional de Belas Artes

Trabalho apresentado por
Alfredo Galvão

6538-07/06/23



937642

T
F

700
G182C

Errata

Pagina	3,	linha	3,	onde se lê:	- 1928,	leia-se:-	1938
"	5,	"	21,	" " "	- produzirá,	" "	produzirão
"	5,	"	29,	" " "	- vista geral,	" "	panorama geral
"	6,	"	7,	" " "	- Ingles,	" "	Ingres
"	9,	"	25,	" " "	- Chevreuil,	" "	Chevreul
"	10,	"	15,	" " "	- pelo tempera,	" "	pela tempera
"	8,	"	23,	" " "	- Stawinsky,	" "	Strawinsky

3/ Inscrito, desde 1934, no concurso para provimento da cadeira de pintura da Escola Nacional de Belas Artes, tive, em março de 1928, a surpresa de saber suspensos os preparativos de realização.

Pouco depois lei nova exigia apresentação de tese além das provas, não poucas, já previstas no edital de abertura.

Essa exigência no magistério de arte, criou grande dificuldade sem, infelizmente, melhorar o processo de escolha do professor.

Todo o poder intelectual do artista se desenvolve no sentido da expressão pela forma, pela linha, pela côr e pelo som. A palheta, os pinceis, a tela, são os instrumentos por intermédio dos quais o pintor se comunica com a humanidade.

Suas teses são as próprias obras...

No sentido, porém, de proposição apresentada por alguém com o fim de defendê-la publicamente, a tese implica idéa científica, nova, original. Seu uso vem, talvez, do século XIII e visava a obtenção do título de bacharel ou o de doutor em teologia. Hoje se sustentam teses para o doutorado nas faculdades ou para a aquisição de títulos científicos.

Não tenho conhecimento de defesas de teses "artísticas" por pintores, escultores, gravadores, etc.; em parte alguma do mundo.

E' claro estarem as artes, ligadas ás ciências. Recorrem á matemática: descritiva, perspectiva; ás ciências naturais: química, física, anatomia, etc.; mas os artistas, dessas matérias, devem conhecer o necessário para o seu uso. Salvo raríssimas exceções, quando o artista se dedica demasiadamente á ciência perde no terreno da arte. Esta vive de sentimento e de emoção, coisas sôbre as quais difficilmente se escreverão teses.

Não nego sentimento e emoção aos cientistas. Têm eles uma e outra coisa mas de modo diferente do artista e de maneira secundária para os fins de suas pesquisas.

Pasteur perseguido, atacado, mas absorvido pelo seu ideal, aproxima-se de Rembrandt, pintando sempre na mais extrema miséria...

Na trajetória infinita da vida nada se repete. O renascimento, bebendo sua vitalidade na Grécia e em Roma, deu resultados completamente diversos. Dentre os artistas de então avultam Rafael, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, três absurdos se vivessem na época de Péricles. Ingres, adorando e imitando a Rafael distanciou-se muito dele. Quem poderá atribuir a Rafael a "Source" e a Ingres a "Escola de Atenas" ?



Ha progresso em arte ?

O Cheik-el-Beled egípcio é inferior ás estátuas gregas do V século A. C. ? Todo periodo da vida humana tem a arte resultante do estado das forças intelectuais, morais, religiosas, políticas, etc.

Essa arte sempre o traduz de maneira completa e perfeita.

Assim, as diversas fases das artes se equivalem como potencial de expressão.

O Cheikh-el Beled não é inferior ás estátuas gregas. Diferem as duas coisas como diferem as respectivas épocas, como difere o grego do egípcio. Mas a figura egípcia tanto quanto as gregas, preenchendo as finalidades da arte, são obras primas da humanidade.

Os artistas mais insatisfeitos, os mais pesquisadores, os mais exigentes, os mais geniaes se parecem com os mais humildes de um mesmo periodo no que concerne ao carater geral das obras, por serem todos compelidos a representar os costumes, os movimentos, as idéas da própria geração.

Quem não reconhece uma estátua egípcia, um vaso grego, um busto romano, uma catedral gótica de qualquer momento das respectivas civilizações ?

Cada povo tem seu carater dominante observado e estampado pelos artistas grandes e pequenos em suas obras.

O egípcio, respeitando e cultuando a morte, teve uma arte funerária monumental, imovel, cheia de sentimento de eternidade. A Grécia, atlética e sábia, produziu a proporção, a medida, o equilibrio. Sua arquitetura é lógica, harmoniosa, suas estátuas palpitantes de vida e movimento. A idade média obscura, humilde, sofredora e crente, apela para Deus. Suas catedrais parecem mãos postas para o ceu pedindo proteção, suas estátuas, deformadas pela ignorancia, visto que os artistas não

vendo o nú, desconheciam a forma humana, são, apesar da anatomia dolorosamente anormal, cheias da mais profunda religiosidade.

— :: —

A ciência progride; a arte, não. A ciência progride porque é real, é experimental e aproxima-se cada vez mais da verdade.

A arte, sendo sentimento, emoção, representação, ficção, é como a própria natureza; recomeça sempre, sempre nova, nunca se repetindo.

— :: —

A arquitetura é hoje mais obra do engenheiro que do artista. O trabalho importante é o relativo á enorme tubulação de aguas, de esgotos, de ar quente ou frio do que á composição das plantas e fachadas.

A distribuição das massas não visa o efeito pitórico, mas resulta logicamente dos serviços, da ventilação, da iluminação e do custo da obra.

A arquitetura atual, a do ferro e cimento é, entretanto, inferior á de quaisquer outras épocas? Não, a de hoje serve a uma vida inteiramente diversa da de todos os tempos.

As preocupações de rapidez, hygiene, de urbanismo em grande escala, a questão financeira, tomaram na atualidade caracter particularíssimo.

Surgiram tambem materiais novos em substituição á pedra. Aperfeiçoaram-se os instrumentos de aquecimento, de refrigeração, os de hygiene, os de transporte para os pizos, em numero sempre crescente, veiu o telefone, appareceu o rádio, o automovel, tudo exigindo locais novos, não previstos na arquitetura antiga e formas novas não pressentidas.

Fóra da casa, como dentro dela, tudo que nos cerca é diferente e tem formas inéditas, lógicas, cujas belezas não podemos sentir devido á superstição do antigo, mas que nossos descendentes sentirão e compreenderão.

O telefone, a cabine do elevador, o ventilador, o rádio, o automovel, o avião, o transatlantico e até os instrumentos de guerra, como o tanque, a metralhadora, o navio de combate, tudo tem formas novas, logicas e belas.

O automovel e o avião já atingiram a uma grande beleza de formas.

As linhas sóbrias, severas, elegantes de um avião em pleno vôo, a força estampada na silhueta do automovel, são tão ca-

de trabalhos expostos (só no salão de Paris vi, em 1932, cerca de 6000) parece que a pintura sofre um colapso.

Tudo indica, desde o personalismo exagerado, a procura de efeitos estranhos (o cubismo, etc.) a incapacidade da pintura representar a trepidação atual da vida, até o completo divórcio entre o arquiteto e o pintor, tudo indica êsse colapso.

Só ha talvez uma possibilidade de novos horizontes para a pintura; é o aparecimento de material novo, como já aconteceu com a arquitetura, material que se adapte ás exigências da construção moderna.

—:—

A toda grande modificação na sociedade tem correspondido o aparecimento de materiais novos em pintura.

A encaustica e o a fresco da civilização greco-romana, foram substituídos pelo mosaico na arte cristã e na bizantina; esta pelo vitral, na idade média; e, pelo têmpera, nos primitivos; pelo óleo, no renascimento.

Nos tempos modernos ha o uso e abuso de todos os processos e de todas as técnicas, por falta de material novo capaz de satisfazer aos artistas e ao ambiente de hoje.

—:—

A pintura a óleo, depois do impressionismo, está se tornando incapaz de representar o ímpeto da vida moderna e já não acha lugar nos apartamentos atuais. Apenas tem ali guardada algumas pinturas de cavalete, como na idade média, nos conventos, os pergaminhos.

Os museus, verdadeiras necrópoles da pintura aí estão recebendo os quadros apenas saem dos ateliers.

A inutilidade da pintura se manifesta, assim, de maneira insofismavel. Seus produtos são nati-mortos.

—:—

Em todas as civilizações sempre houve duas modalidades de arte. A grande arte com finalidades religiosas; exalta a deus pela narração de sua onipotência e onisciência; politicas, exalta o govêrno, seus feitos, suas iniciativas de utilidade pública.

A pequena arte, utilitária, íntima reduz-se ao retrato de pessoas queridas, ao quadro de gênero, ao "bibelot", á ornamentação em geral.

Em qualquer época se distinguem francamente essas diferenças. Sempre ao lado do templo, do panteon, do arco de triunfo, das estátuas dos heróis, da grande decoração mural se en-

contram o palacete, a estatueta, o retrato de família, o vaso, o quadro de gênero, a miniatura.

— :: —

A arquitetura, apesar de conseguir muita coisa interessante, parece não ter ainda elevado a obra prima do século.

Está num período de transição em que procura adaptar-se aos novos materiais e às novas exigências. É, ainda, obra do engenheiro.

A escultura e a pintura, sem novidade alguma nos processos, repetem-se indefinidamente ou vão cedendo o lugar aos processos mecânicos.

Vi, ha tempos, numa revista americana, reproduções de uma grande decoração mural feita no México, por processos fotográficos. A parede sensibilizada recebeu as projeções luminosas de um aparelho apropriado e conservou gravadas as imagens. . . É rápido, duravel e limpo, será artístico ?

— :: —

Na minha vida de pintor sempre pensei na necessidade do reerguimento da pintura às suas verdadeiras funções ao lado da arquitetura e tenho obtido resultados interessantes com o cimento colorido.

Junto a este pequeno trabalho uma experiência para que se julgue o seu valor.

Considero-a, de acôrdo com que disse acima, a minha verdadeira tese, pois o artista se manifesta pela sua obra e não pela literatura.

Rio, 1938-12-4.

ALFREDO GALVÃO.

